Livroclip Como Produção Audiovisual Híbrida Contemporânea: Modelos Estéticos e Estratégias de Atenção [1]

Raquel TIMPONI[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar, através do produto livroclip, a transformação estética das manifestações audiovisuais na contemporaneidade. Numa postura lúdica de aprendizado, o livroclip utiliza estratégias diversas para atrair a atenção do leitor/espectador, acostumado com atividades fragmentadas. Para se entender a linguagem dos símbolos das imagens e os recursos de sonoplastia utilizados no livroclip, é necessário acessar o referencial cultural adquirido pelo usuário, tal como conhecimento da trilha sonora de filmes, imagens, games, quadrinhos, automatizações de uma gramática do audiovisual. Como escopo teórico, utilizaremos Lev Manovich e os *soft cinemas*, Bolter e Grusin, com a remediação, e o potencial da multiplicidade, através do rizoma, de Gilles Deleuze, e de teorias de Arlindo Machado.

PALAVRAS-CHAVE: livroclip, vídeo, referencial cultural, leitura.

1. Introdução

Nem sempre se leu da forma como se lê contemporaneamente. A leitura silenciosa, própria da era moderna, representou uma mudança em relação ao modo coletivo, público, realizado em voz alta. Agora, mais uma vez novos comportamentos do leitor marcam o cenário. Lê-se mais em formatos variados e de maneira apressada.

Nesse sentido, contrário à lógica do incentivo à leitura de obras canônicas da literatura clássica, não é espantoso observar o comportamento de jovens, por um lado ansiosos para a finalização das aventuras e para adentrar na imaginação de centenas de páginas num ritmo acelerado de leitura, em produções de *best Sellers* como *Harry Potter*, a saga *Crepúsculo*, ou *A cabana*; e por outro lado, que não demonstrem o mesmo interesse por livros de literatura clássica, em um processo mais denso e crítico. Fatos como esse revelam que a sedução da leitura não é a mesma dos tempos antigos. Os gestos mudam de acordo com o tempo e lugar, assim como os objetos lidos e as razões de se ler. Diferentemente dos protocolos de leitura descritos por Chartier (1996), em um tempo em que se lia várias vezes o mesmo livro, hoje novas práticas são implantadas e outras se

[1] Trabalho apresentado no GP de Televisão e Vídeo, do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2]Doutoranda do PPGCOM ECO/UFRJ, profa. do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM). email: raquel.timponi@gmail.com.

extinguem, em função das formas de sociabilidade de cada época. O mercado editorial busca novas estratégias para manter a alquimia entre o leitor e os aspectos físicos da obra, ou seja, de forma a mantê-los presos à narrativa. Pesquisadores da leitura no universo juvenil acreditam que o jovem atual tenha livre-arbítrio em relação à posse dos livros e se sente seduzido pela literatura adaptada a outras mídias, como o cinema falado, o videogame ou a Internet (Cf. SILVA, 2013). Soma-se a isso o fascínio dos livros organizados em séries e coleções, que criam afetividade com os personagens de universos já conhecidos e desbravam novos mundos em aventuras fantásticas, conduzindo o leitor pela curiosidade.

As atividades de leitura estão mais fragmentadas, pois as práticas culturais mudaram, como comprova a última pesquisa realizada pelos *Retratos de Leitura do Brasil* (2012). É sintomático o perfil de um novo leitor que lê, não só por indicação da escola, de livros didáticos e literários, mas por conta própria e de maneira fragmentar (diversos livros lidos simultaneamente, em paralelo), devido à falta de tempo do dia a dia e à cultura de atividades multitarefa. Soma-se a isso, para além do impresso, livros digitais que podem ser acessados via *tablets*, vídeos assistidos por aparelhos de celular ou ainda audiolivros, escutados no caminho do trabalho e em transportes públicos. Assim, há um desafio ao se pensar os modos de leitura da atualidade. Emergem formas narrativas de mídias híbridas e estas podem servir como ferramentas de auxílio e acesso ao conteúdo. Nesse aspecto, optou-se pelo uso de um conceito de leitura mais ampliada, ou seja, para além do papel, que agora envolve formas audiovisuais e sonoras.

A pesquisa dos *Retratos de Leitura do Brasil*, realizada em sua terceira fase, com resultados divulgados em 2012, aponta que o hábito do brasileiro na utilização do tempo livre é de consumir mídia televisiva (85%), escutar música/rádio (52%) e assistir a vídeos e filmes (38%), além do acesso à internet (24%) e às redes sociais (18%), numa avaliação com média de escolha de cinco itens.

Por isso, acredita-se que avaliar um produto que utilize a potencialidade do vídeo, numa relação com outros meios, possa servir de auxílio ao hábito da leitura. Portanto, o objetivo desse artigo é analisar o produto livroclip, forma de leitura, enquanto manifestação estética audiovisual da contemporaneidade. Pretende-se avaliar as estratégias utilizadas enquanto produção para despertar o leitor/espectador no acesso ao conteúdo dos livros tradicionais. Para se entender a linguagem dos símbolos das imagens e os recursos de sonoplastia utilizados no livroclip, é necessário acessar o referencial cultural adquirido pelo usuário, tal como conhecimento da trilha sonora de filmes, imagens, games, quadrinhos,

automatizações de uma gramática do audiovisual. Como referencial teórico, utilizaremos autores que deem subsídio às estratégias para despertar a atenção do usuário do livroclip, como Lev Manovich, com os *soft cinemas*, Bolter e Grusin, com a remediação, e o potencial da multiplicidade, através do rizoma, de Gilles Deleuze e teorias de Arlindo Machado.

2. O livroclip, seus modelos estéticos e estratégias de atrativo para os jovens

Uma aposta comum no cotidiano para despertar os jovens com hábitos fragmentares de consumo é unir o aprendizado à diversão, através de produtos híbridos de audiovisual. Entre as abordagens de ensino, que misturam aprendizado e diversão, encontram-se algumas do cotidiano, extremamente populares entre os jovens em idade escolar, como: jogar videogame, assistir televisão, escutar o rádio, utilizar o computador, navegar na Internet, usar o celular – para além da simples ligação – etc. Estando elas já enraizadas no dia a dia das pessoas, seu aproveitamento para atividades de leitura torna-se mais propício, pois não há necessidade de forçar um hábito novo.

Já é estratégia antiga a utilização da literatura para realizar adaptações para o cinema ou para seriados de TV, como forma de popularizar os produtos literários, assim como atrair públicos de nichos diferentes. Assim como uma obra literária adaptada para o cinema, independente da qualidade de produção, pode atrair público desconhecedor para leitura, o livroclip também possui o mesmo objetivo, num processo de consumo alternativo de uma mídia que leva ao conhecimento da outra, algo que Chris Anderson (2006) nomeia de Cauda Longa.

Nesse sentido, visando a ampliar as formas de atrativo e de despertar a curiosidade do brasileiro para o hábito da leitura, ainda pretende-se realizar um mapeamento dos recursos audiovisuais do livroclip utilizados para atrativos do espectador, como alternativa de incentivo à leitura. Para isso, nessa pesquisa são analisados como estudo de caso a opção pela estética dos diversos modelos de livroclip,

Como novo modo de ver e ler, de aprender e conhecer, distinto da tarefa somente obrigatória e com possibilidades de conexão com dimensões da vida dos adolescentes, o livroclip é um produto híbrido, um misto de linguagem de *trailer* de livros, trilha sonora de filmes, linguagem fotográfica, publicitária, de videoarte, games e livro animado. Disponível em site próprio (www.livroclip.com.br), em DVDs e no canal de vídeos Canal do Livro do *YouTube*, suas formas representações buscam atrair o jovem para o universo do livro e, para

isso, realizam uma contextualização da história numa linguagem mais próxima da realidade do adolescente.

Novas formas de apresentar um pouco sobre obras literárias brasileiras aos alunos de escolas, utilizadas como produto pedagógico, os livroclipes surgem como maneiras de experimentação de escrituras abertas, em constante movimento e sem forma fixa, pois são marcados seja pela variedade de representação dos textos, discursos e obra dos artistas, devido ao conteúdo específico e ao estilo de escrita de cada autor. O produto parte de produções para além dos métodos tradicionais de exposição das escrituras de conhecimento legitimado, pois são produtos diferentes dos livros impressos.

De acesso mais fácil e custo menor (a maioria dos livroclipes está disponível via *YouTube*), esses produtos podem ser utilizados como ferramentas de simplificação do conteúdo livresco por meio da disposição de imagens e sons, de maneira a complementar ou a instigar a leitura do texto impresso da obra. Por um lado, são produtos diferentes dos produtos tradicionais de exposição de texto impresso, pois os livroclipes são espécies de *trailers* de livros, porque realizam um resumo do conteúdo da obra, pela seleção de trechos de escritos impressos colocados em diálogo com outras linguagens de fotografia, colagens e o uso da sonoplastia e trilha sonora. Diferentemente de outras mídias que realizam a transposição do mesmo texto para outros formatos (como o *ebook* e o audiolivro, que, apesar de oferecerem experiências particulares de apresentação pela escolha ou não do uso de *links* ou interpretação das vozes, mantêm o conteúdo da obra como um todo), os livroclipes são bastante diferentes em termos de conteúdo, e se configuram como meios de despertar a atenção imediata do receptor com uso da linguagem de sedução da publicidade e do lúdico.

Ainda no que diz respeito à forma, apesar de cada livroclip possuir sua particularidade semiótica no modo de apresentação do conteúdo da linguagem literária, há uma semelhança característica do produto, uma vez que todos os livroclipes utilizam trechos selecionados, reproduzidos em letreiros escritos em movimento na tela, para manter a importância do escrito, e não fazem uso da voz de atores que interpretem personagens, como ocorre na televisão ou no cinema, nem o uso de voz em *off*. O mais usual é a criação de animações em *flash* ou a preferência pela representação dos personagens, por meio de colagens ou fotografia, como elementos composicionais do texto. A opção para atuar como uma espécie de tradutor da leitura é utilizar linguagem explicativa em texto mais próxima do universo dos jovens, somada ao uso de trilhas sonoras e sonoplastia em geral, ou seja,

utilizar formas de representações que atraiam o leitor para o contato pessoal posterior com o texto original da obra, de forma a despertar afetos, através de processos lúdicos e prazerosos de entretenimento rápido. Após um breve mapeamento, constatou-se que os livroclipes, apesar de possuírem formas abertas, de acordo com a temática do conteúdo de cada obra, acabam sendo realizados dentro de alguns estilos, dependendo da potencialidade de seu gênero e tema.

Foram separadas algumas categorias como formas de atrativos, dividida em sete tipos de livroclipes, nomeados segundo sua função primordial. São eles: 1) livroclipes de banco de dados/publicitário, 2) livroclipes documentais, 3) livroclipes fotográficos/colagem, 4) livroclipes interativos infantis, 5) livroclipes animados infantis e juvenis, os quais utilizam recursos de referência cultural já automatizados no imaginário do público consuidor. É importante lembrar que essa classificação previamente realizada tem por objetivo identificar as tendências de produção. Porém há que se considerar que, muitas vezes, um estilo invade o outro, podendo, assim, um mesmo livroclip ter influências ao mesmo tempo publicitárias, com referenciais culturais automatizados, próximo à estética de filmes documentários, que utilize a colagem das vanguardas experimentais e utilize animação.

Os primeiros tipos de livroclip, criados em 2006, ainda são um embrião do que viria a se tornar o produto híbrido livroclip, enquanto mídia, em sua potencialidade máxima. Nesse período, o formato inicial dos livroclipes ainda estava muito preso à palavra escrita e seus recursos de movimento na tela e não à imagem em movimento, além da forte influência publicitária para as obras originais impressas (utilizavam-se, inclusive, símbolos de promoção de preços de lojas com um balão em vermelho escrito que o produto original – livro impresso – poderia ser encontrado numa livraria ou biblioteca). O formato inicial testado, sem muitos recursos audiovisuais, se assemelhava à proposta de programação que Lev Manovich (2005) estabelece em *Soft Cinema*, ao avaliar o cinema pensado para uma plataforma de computador, cujas cenas (vídeo, áudio, clip), em um banco de dados, são selecionadas, de acordo com o texto principal.

No caso do livroclip o texto principal é composto de palavras digitadas na tela, trechos das obras impressas associados aos sons e imagens, formando um videoclipe. A síntese numérica em que as imagens são transformadas, desenvolvem estéticas e elementos poéticos, mesclando referências de trabalhos artísticos na composição das cenas, tal como a

influência da cultura, do filme e da arte, como a do artista de pinturas abstratas Mondrian[3] e da estética dos *displays* do canal *Bloomberg* da televisão fechada. Assim diferentes obras literárias colocadas sobre uma mesma base possibilitam a exposição de uma sinopse das ideias centrais do livro, de palavras na tela e, em uma tela ao lado, criadas ilustrações aleatórias, com fundo musical instrumental e em uma média de tempo curta, de 30 segundos a um minuto e meio.

Posteriormente esse modelo é abandonado, por ser mais uma forma de publicidade experimental, para testar o que atraía mais o espectador. Numa outra fase esse tipo de livroclip passa a ser utilizado na confecção de publicidade para livros didáticos e de temáticas de estudo para concurso, talvez por ter maior foco na forma de exposição do conteúdo, com muitas referências a conceitos. Então pela palavra aliada à música ao fundo, utilizam o primeiro formato de publicidade de base de dados pelo computador.

Mas além desse formato, é no processo semelhante ao do videoclipe de TV, com uma mistura de *trailer* de filmes e documentário, que o livroclip encontra atrativo suficiente próximo ao mundo dos jovens, porém num *trailer* realizado como atrativo para a obra impressa. Os livroclipes nomeados de documentários funcionam de forma similar aos *trailers* de cinema, realizando uma sinopse/publicidade para o livro no formato tradicional. Normalmente possuem tamanho de vídeo maior, com uma extensão que pode chegar até sete minutos. Um dos primeiros livroclipes documentários realizados foi o do *Dom Quixote*, de Cervantes, que já fazia uso de trilha sonora de filmes de história e investigação ao estilo Indiana Jones, além do uso constante de sonoplastia e ruídos. Recursos metafóricos de referência cultural e fílmica são utilizados, imagens antigas que remetam a tempos distintos; o uso de colagem de gravuras com animação e sonoplastia; movimento da tela, recorte dos personagens e *zoom*, aliados sempre ao recurso da sonoplastia e trilha sonora, como nos *trailers* de cinema. No caso do livroclip de *Dom Quixote* é feita a referência a um livro antigo em rolo com diversas figuras estampadas, sendo desenrolado, aberto, e o movimento captado pela câmera, no qual as ilustrações dos personagens da história, se descolam do pergaminho em destaque, saltam do papel em *zoom* para a realidade, como se tivessem sido rasgadas, de forma a contar um pouco das características de cada imagem via palavra escrita, trechos escritos referentes à obra original que aparecem na tela, como num livro manuscrito).

[3] Importante pintor da primeira parte do século XX.

Interessa destacar o uso frequente de referências fílmicas que auxilia a promover o interesse do jovem, por um universo conhecido. Ele está presente na sonoplastia de games, na trilha sonora conhecida do cinema, no referencial estético na forma de apresentação dos trailers de filmes de ação/ aventura, e de ficção científica, nos trechos de música de suspense para transmitir a ideia de mistério, crimes e intrigas dos personagens. Um exemplo bem aplicado desses recursos é o livroclip de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis que utiliza como referência música de abertura de filmes clássicos, ruídos e composição estética de games, etc.

Assim, a mistura de linguagens, seja ela escrita, imagem dos personagens em movimento na tela, desenho animado, pintura, informação de jornal impresso, games, referenciais sonoros e imagéticos de filmes clássicos, previamente adquiridos pela cultura do jovem, funciona como clarificadora para o entendimento da mensagem e para despertar a percepção dos adolescentes para a obra, em referências de elementos e meios conhecidos para a constituição de novas textualidades, o que remete ao tema da remediação (Bolter;Grusin, 1998).

A escrita do conteúdo também está ligada a outros tipos de representação gráfica, seja utilizando uma música mais agitada para representar a personalidade de um dos personagens, ou pela colocação de ruídos e créditos que entram em letras diferentes que tenham a ver com o conteúdo da história, para dar mais veracidade à obra, num processo complexo e simultaneamente criativo aberto de adaptação da obra, sem regras. Tudo isso para aproximar o universo dos clássicos da literatura do cotidiano do jovem.

Um terceiro tipo de estética são os livroclipes fotográficos, os quais utilizam fotografias de pessoas reais, como estética fundamental, algo que se aproxima dos emails enviados com fotografias ou do dispositivo das câmeras fotográficas, de colocar fotos com música de fundo e mensagens. Um exemplo é o livroclip de *Fernando Pessoa*, que apresenta montagem já em formato de *clip*, com fotos sequenciais, como nos emails animados. Porém as fotografias podem ser trabalhadas em *zoom* ou com a colocação de fusões com outras imagens e colagens diversas e deslocamento na tela. É o caso do livroclip de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, com estética da colagem, em que a montagem permite o movimento da foto do personagem pela tela, assim como sua interação com trechos do livro escrito e com uso de tipografia de caracteres e créditos apresentados em tela que remetam ao clima que a história quer passar. Essa estética está muito próxima à das videoinstalações artísticas, próxima da influência dos movimentos de vanguarda.

Nesse formato, a composição de cenas fragmentadas é comum, uma incorporação do excesso da contemporaneidade[4], assim como a realização da mistura de diversas características estéticas.

O princípio da fragmentação se assemelha ao do rizoma de Deleuze e Guattari (1980), em que cada segmento pode-se ligar a outro e todo o percurso livre possível. Igualmente no livroclip, apesar da montagem prévia, pela escolha da multiplicidade, o foco de atenção dado pelo leitor pode mudar, devido às diferentes percepções e foco de atenção das imagens em fusão movimentadas na tela. O rizoma, assim como o livroclip apresentam como características a multiplicidade e combinação de linguagens, tais como linguagens verbais e sonoras, códigos linguísticos, gestuais e icônicos diversos ao mesmo tempo, como os utilizados nas colagens de experimentos artísticos, utilizada no produto livroclip.

Portanto, pode-se dizer que os livroclipes documentais e fotográficos são fortemente influenciados pela estética do vídeo e da arte experimental de colagens, assim como lembra a linguagem utilizada pelo cineasta Peter Greenaway, que utiliza a multiplicidade para realizar filmes que mesclam as linguagens da TV e do vídeo. No livroclip, assim como a marca estética dos filmes de Greenaway, é comum o uso de recursos de sobreimpressão de colagens em fusão com outras imagens (uso da transparência das imagens, postas em movimento, em zoom na tela), uso da repetição de alguns trechos, fragmentos de imagens, fotografias e ícones do cotidiano, que promovem um misto de informações, vozes, textos e linguagens. Esses são recursos dão textura ao ambiente numa estética elaborada e complexa.

Arlindo Machado descreve a técnica de escritura múltipla de textos, vozes, ruídos, imagens que se combinam, entrechocam e compõem um tecido de rara complexidade. Ele relaciona a estética de sobreposição, pela acumulação infinita de objetos postos em movimento na tela, ao excesso da modernidade e à tendência da arte contemporânea de recusa das formas unitárias, em favor da pluridimensionalidade e instabilidade das produções culturais (MACHADO, 2007, p. 238-239).

Os novos usos dos processos imagéticos despejam seu fluxo de imagens e sons de forma simultânea e exigem, do receptor, reflexos rápidos para captar todas as conexões

[4]A contemporaneidade possui algumas características que se assemelham com as do movimento Barroco: instabilidade, casualidade, irregularidade, imperfeição, caos e máxima complexidade narrativa, tal como descreve Omar Calabrese (1987). O barroco, pois, ganha estabilidade e reemerge no contexto cultural, via neobarroco, como: excesso de informações pela simultaneidade, multiplicidade, presentes numa forma aberta, como avalia Ângela Ndalianis (2004), ao considerar que as transformações de nossa cultura nas três últimas décadas têm sido seduzidas por formas visuais (espacial, visual e sensorial) que relembram o sistema de percepção do barroco.

formuladas (ou parte delas), numa velocidade que pode mesmo parecer estonteante a um leitor mais conservador, não familiarizado com as formas expressivas da contemporaneidade (MACHADO, 2007, p. 240). Para Calabrese, devido ao problema da rapidez das imagens é que se realiza o uso repetitivo de fragmentos e trechos de obras. A repetição auxilia na percepção rápida do ambiente, isto é, o "fruidor aprende a seguir o panorama da visão com a repetição simultânea [de fragmentos]" (CALABRESE, 1987, p. 48). Dessa forma, a destreza sensorial das gerações atuais sobrepõe a destreza muscular das gerações precedentes, já que o público de hoje possui maior velocidade nas reações aos estímulos perceptivos (Idem). Ainda complementa que a estética do caos é mais adequada às jovens gerações, dotadas fisiologicamente de mecanismos necessários para a sua realização e compreensão (Ibidem, p. 68, 144). Além disso há que se considerar que o jovem acostumado com as múltiplas janelas da internet abertas simultaneamente, ou com ações multimídia realizadas via celulares smartphones, já automatizaram um hábito de leitura fragmentar, assim como a experiência do vídeo de multiplicação de imagens e transições entre colagens.

Portanto, o espectador leitor, acaba realizando um trabalho de juntar as muitas informações e referências de mídias diferentes, que dependem de seu referencial cultural, disponibilizados de forma fragmentada, deve organizá-los na mente, além de gerenciar a atenção demandada em múltiplos pontos e interesses particulares, para que não perca o foco.

Outra forma de livroclip que merece destaque é o livroclip de animações, que pode ser realizado tanto para crianças, com animações das ilustrações e livros interativos, quanto para jovens, com animações criadas no formato em *flash* pelo computador. O primeiro tipo são livroclipes editados por uma editora parceira do canal Livroclip (Editora Callis), com ilustrações originais animadas em movimento e ainda com balões de texto escrito como nas obras infantis, produzindo um livro mais dinâmico para crianças, com sonoplastia, música de fundo, em produtos normalmente curtos, de um minuto e meio ao máximo). Um outro produto mais interativo é oferecido para o público infantil das escolas assinantes do site www.livroclip.com.br, com acesso a uma biblioteca de livroclipes, em uma proposta mais semelhante ao livro digital interativo. Esse produto permite às crianças escolherem o caminho que querem seguir, rabiscar gravuras por cliques no mouse, criar seus próprios desenhos junto à imagem, movimentar bonecos ilustrados, escutar a versão em áudio interpretada, assim como escolher um entre diversos finais. Essa proposta se assemelha ao

não linear e lúdico já buscados na literatura ao longo do anos, como os vários finais na coleção Enrola/Desenrola, nos livros/brinquedos com peças com ímãs para crianças colarem, livros em montagem em 3D ou com óculos interativos, em histórias disponibilizadas em quebra-cabeças, formas essas que o mercado infantil já investe há mais tempo.

Já os livroclipes animados em flash para o público jovem, doe Ensino Médio, tomam como base livros clássicos da literatura de grandes escritores brasileiros, em material pedido no vestibular. A animação em *flash* é aliada à fórmula de produção de videoclipes, com um fundo musical de uma banda famosa. A música de cantores do universo adolescente funciona como pano de fundo, estratégia utilizada como forma de promover a identificação dos jovens com o produto. Um exemplo é a coleção animada chamada *Letras Paulistanas* (2007), que reuniu oito livroclipes de obras de autores consagrados brasileiros paulistas (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Monteiro Lobato, Álvares de Azevedo, entre outros) e contou com a colaboração de bandas de famosos que cederam os direitos autorais. Entretanto, constata-se que a estética da animação em *flash* com trilha sonora de uma banda, tocando a música até o fim, normalmente de tamanho maior, em média de seis minutos, acaba por deixar o livroclip um pouco infantil (pela animação) e cansativo para os adolescentes, já que não há cortes e nem fragmentação na linguagem.

Esse tipo de livroclip utiliza como estratégia da atenção a contextualização de referências biográficas dos autores, tal como os livros de literatura comumente realizam para a apresentação dos autores. Os dados biográficos introduzem e contextualizam as influências do autor para seu estilo de obra, com o objetivo de ampliar o universo de conhecimento do aluno e o aproximar do mundo dos autores.

As informações extras atuam como introdutoras da obra, auxílio à navegação e à orientação, assim como procuram esclarecer conteúdos, quando estes estão escritos de forma mais elaborada e menos evidente. Portanto, a escrita do conteúdo nesse novo formato também está ligada a outros tipos de representação gráfica, imagética e sonora, características do meio livroclip, como, por exemplo, quando se utiliza uma música mais agitada para representar a personalidade de um personagem confuso, ou outra de mistério, para induzir o espectador a pensar em um conceito entre personagens. Esses elementos são estratégias didáticas e clarificadoras de se apresentar a textualidade.

Contudo, somente pelo critério de escolha, acabam por agir sobre a forma de interpretação da mensagem, por limitá-la, pois, para além de promover o interesse do espectador, funcionam como guia simplificado sobre a obra em geral, pela seleção de trechos da obra original que já pressupõe uma interpretação do estilo literário do autor. Nesse sentido funcionam como novos protocolos de leitura. Analogamente, é possível fazer uma relação com os guias de conteúdo. Direcionam a compreensão com o mesmo papel que os títulos, sumário, gêneros fazem no texto impresso, influenciando as expectativas do leitor para o entendimento do texto como um todo.

Mas ainda assim os livroclipes animados em flash para adolescentes mantêm um tom professoral da narração escrita na tela em apresentação de obras e estilos de autores, o que pressupõe que o público receptor seja leigo no conteúdo da obra, visto somente como um material didático para uso em sala de aula. Assim, mesmo que se utilizem recursos de atrativo aos jovens, como uma linguagem de filmes, trilha sonora, músicas de rock nacional, como nos livroclipes da coleção de *Poetas Modernistas Paulistanos*, com animações e músicas pop de fundo, ainda há uma postura hierárquica, pedagógica, vinda de baixo para cima, que pode soar como artificial, e implica relações de lugar de poder nessa forma de escritura, mesmo que o objetivo inicial não seja esse.

A postura didática do livroclip não deixa de ser hierárquica, pois é um produto que se destina aos professores para utilizarem em sala de aula para os alunos, numa linguagem pedagógica. No livroclip de Álvares de Azevedo, o autor da obra é mostrado como uma figura rebelde, para fazer com que fique mais pop e próximo do universo do jovem, e a apresentação de uma de suas obras é feita com uma música de fundo da banda da cantora Pitty, mas ainda assim parece com uma imagem forçada, traçada para se aproximar do universo jovem e se torna um pouco cansativa, pois são anexadas informações sobre a vida do autor até que a música acabe.

Em outras palavras, mesmo que a tentativa tenha sido a de utilizar a linguagem semelhante do videoclipe, bem aceita no universo dos jovens, a animação realizada em *flash* torna o vídeo infantil; e o tempo de duração para a apresentação tem uma extensão longa.

Apesar de não haver fórmulas para a produção, uma breve análise empírica, realizada com alunos do curso de Comunicação da Universidade de Barra Mansa, em junho de 2011, comportando 52 sujeitos, parece apontar para o seguinte: quanto mais próximas das representações imagéticas e sonoras do universo conhecido, da realidade e estética

realista dos filmes, mais os livroclipes despertam a atenção. Quanto mais utilizam um universo imaginário fictício, como o uso de animações em fl*ash* ou músicas completas muito longas, maior a impressão de artificialidade e mais infantil se torna o produto. Todavia não se sabe com maior certeza se esse produto estimula pessoas a ler. De todo modo, o contato com o material do livroclip, segundo afirmaram mais de 50% dos sujeitos, transforma a percepção inicial de tédio relacionada às obras, em uma atividade lúdica, prazerosa. Vale a pena lembrar Fischer e sua ideia de que .“quando se lê com disposição e vontade, marca-se muito mais a memória.” (2006, p. 242).

Paralelamente, parecem surgir produções de fora da empresa, realizadas por fãs de *best sellers* pelo Youtube, ou em realizações experimentais de trabalhos de faculdade (na sua maioria livroclips advindos de imagens e falas de *best sellers* já adaptados para o cinema, ou ainda em versões caseiras gravadas com bonecos ou fotografias em clipes de fotografia com uma música de fundo, ou então com desenhos e ilustrações dos próprios livros. São exemplos o livroclip de *O pequeno Príncipe*, de Antoine Exupéry, obra que já possui ilustração no livro e em que somente realizam uma seleção para o vídeo. O livroclip caseiro do livro *O menino do pijama listrado* utiliza cenas do filme adaptado como pano de fundo para uma publicidade do livro original. Já outros livroclips caseiros, como o *A Cabana*, também trabalham com a estética das fotografias sequenciais, porém sem utilizarem sonoplastia, sendo o efeito semelhante ao das fotos caseiras de uma câmera que se coloca automaticamente em um computador para passarem em movimento com um fundo musical para a família assistir. Porém a única diferença marcante de um clipe de imagens é que em todas produções também há o uso de legendas, e caracteres, como forma de explicar a trama do livro impresso, mesmo que não sejam passagens entre aspas do autor. Assim, a imagem, nesse caso de particular de produção, passa a ter um papel de fundo fotográfico e a trilha sonora funciona como música de fundo ou ilustração. Há também produções realizadas por instituições de ensino como material didático, como os realizados pelo *Canal Multimeios* do Rio de Janeiro, como, por exemplo, no livrotrailer de *Policarpo Quaresma.*

3.Conclusão

Viu-se que alguns elementos estéticos funcionam como estratégias didáticas e clarificadoras de se apresentar a textualidade de forma mais próxima do universo dos jovens. Contudo, somente pelo critério de escolha, acabam por agir sobre a forma de

interpretação da mensagem, por limitá-la. Nesse sentido funcionam como novos protocolos de leitura. Analogamente, é possível fazer uma relação com os guias de conteúdo. Direcionam a compreensão do mesmo modo como os títulos e gêneros o fazem no texto impresso, influenciando as expectativas que tem o leitor para o entendimento do texto como um todo.

Assim, se por um lado, a disponibilização de imagens, recursos estéticos e o uso de sons previamente selecionados atuam como facilitadores explicativos na composição de uma metáfora e auxiliam na recepção e entendimento do texto e obras clássicas da literatur, não exigindo um trabalho grande de interpretação próprio do leitor; por outro lado, deixam aberto um caminho de busca posterior da obra completa original. A positividade do livroclip é despertar a atenção num primeiro momento. Porém, a busca do conhecimento do texto original, assim como o de assuntos afins, fica como tarefa do leitor num momento posterior, quando fará papel de investigador das mensagens textuais, confrontadas com seu universo particular.

O uso de recursos imagéticos não é novo. Podemos ver, em períodos distintos na história, diferentes recursos visuais sendo utilizados como instrumento de rememoração e de tradução de ideias complexas, eventualmente agindo como mediadores de acesso a textos, tais como as pinturas rupestres das cavernas de Altamira e Lascaux, as iluminuras, a pictografia na cultura oriental, as Bíblias ilustradas, os Livros de Horas, as imagens religiosas nos vitrais das igrejas e as esculturas de santos, em contextos e especialidades diferentes da história, que facilitavam o entendimento e permitiam a contemplação dos fiéis.

Na contemporaneidade, o livroclip acrescenta um novo uso conjugado de imagens e sons, numa linguagem que mistura expressões escritas, audiovisuais, sonoras, características da estética de mídias já aprendidas e automatizadas no imaginário do receptor. Segundo informam os autores Salvucci e Taatgen (2011), no que se refere às habilidades e à atenção, nota-se que o processo de aprendizado é mais fácil se a mesma base de recursos for usada em diversas plataformas. Dessa forma, o conhecimento da estética fragmentar, de repetição e de recursos de transição de imagens, típicos do vídeo, assim como da linguagem não linear do cinema, atuam como orientadores de uma gramática imagética em movimento, a qual ativa caminhos cerebrais que processam, simultaneamente, informações verbais e não verbais. As habilidades cognitivas dos espectadores envolvem os sentidos despertados pelo som, imagens, ruídos, além das referências culturais já

conhecidas e automatizadas numa memória mais antiga, armazenada no cérebro4. Esse uso, quando simultâneo (linguagem verbal e não verbal, pela imagem), permite que o leitor identifique o significado mais rapidamente, pelas habilidades dos sentidos que ativar (Cf. Fischer, 2006, p. 289).

O livroclip ainda é um meio que pode ser explorado em termos de suas potencialidades. Sua função principal ainda parece ser a mesma do trailer em relação ao cinema e às obras impressas adaptadas: de divulgação e atrativo à obra principal posterior, quando o leitor terá acesso completo ao conteúdo. Ainda está preso às formas tradicionais escritas, impressas, exatamente pelo objetivo de levar o espectador à outra plataforma textual.

Se no circuito de consumo observam-se novas formas de circulação e de processos de leitura em mídias híbridas, por jovens, através de leituras fragmentadas, práticas do cotidiano variadas, leitura em telas pequenas, aprendizado de informações via entretenimento, TV digital, jogos investigativos; então por que limitar o processo de produção às formas tradicionais, lineares, com linguagem empolada para um público que não atende a esses padrões de letramento?

4. Referências

BOLTER, Jay D. & GRUSIN, Richard. **Remediation***:* understanding new media. Cambridge, Massachusetts, 1998.
CALABRESE, O. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.
CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Introduction:** Rhizome, Mille: Plateaux, capitalisme et schizophrénie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980
FISCHER, S. R.. **História da Leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
MACHADO, A. **Pré-Cinemas e Pós-Cinemas**. 4ed. São Paulo: Papirus, 2007.
_____; VÉLEZ, M. L. O revés do tempo: análise e interpretação do videoclipe.In: BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA, Vítor (orgs). Discursos e práticas de qualidade na televisão. Lisboa: Livros Horizonte, 2008,v., p. 210-220.
MANOVICH, L. **The Language of New Media**. Cambridge:The MIT Press, 2001.
_____; KRATKY, A. **Soft Cinema:** Navigating the Database. The MIT Press, 2005.
MONTFORT, N. **The New Media Reader**. Cambridge: MIT Press, 2003.
NDALIANIS, A. **Neo-Baroque Aesthetics and Contemporary Entertainment**. Cambridge: The MIT PRESS, 2001.
REGIS, F. **Tecnologias de Comunicação e Novas Habilidades Cognitivas na Cibercultur**a. Rio de Janeiro: Projeto de Pesquisa UERJ- Programa Pró-Ciência, 2008.
RETRATO DA LEITURA DO BRASIL. Instituto Pró-Livro. Coord. Observatório do livro e da Leitura. Execução: Ibope Inteligência, 2012.
SALVUCCI, D; TAATGEN, N. **The Multitasking Mind**. New York: Oxford University Press, 2011.
SILVA, M. **Leitura, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
SITE LIVROCLIP. Canal do Livro. Disp. em:<www.livroclip.com.br> Acesso em: 13 jun 2013.